

O Macunaíma de Mário de Andrade nas páginas de Koch-Grünberg¹

Telê Ancona Lopez / IEB/USP

Apresentarei, como resultado de estudos meus da biblioteca Mário de Andrade (1893-1945), minhas cogitações sobre um aspecto da criação literária que tem lugar nas estantes do polígrafo e intelectual conhecido como o pai da moderna cultura brasileira. Moderno em suas propostas e caminhos, Mário de Andrade realizou um crivo crítico, ao escolher, em seu sólido e sempre renovado lastro de cultura, tudo o que lhe pareceu coerente para a produção de uma obra brasileira atual, muitas vezes visionária. Apropriação, intertextualidade, diálogo da criação, antropofagia *avant la lettre*, o crivo crítico declara-se, em 1922, no verso que fecha a profissão de fé do poeta em “O trovador” – “Eu sou um tupi tangendo um alaúde!” –, no primeiro livro realmente moderno do modernismo brasileiro, *Paulicéia desvairada*.

No Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, a biblioteca de Mário de Andrade, com 17.624 volumes, entre livros, periódicos, opúsculos, plaquetes e partituras,² possui especial importância por guardar extensa marginália, a qual, 99% a grafite, alcança praticamente todas as áreas relativas aos títulos, a maioria deles, e das notas de margem no âmbito da literatura – brasileira, francesa, a alemã e a italiana –, seguida de obras na esfera das artes plásticas, música, etnografia e etnologia. Os títulos, anotados ou não, valem, em determinados aspectos, como memória da escritura do polígrafo, nas faces e fases que a constituem. Memória que se prende a diálogos da criação, detectados nas estantes, explícitos e implícitos, vinculados a matrizes igualmente com essas características. Tenho analisado especialmente a questão da criação literária, quando o artista da palavra se encontra com ele mesmo na obra de outros, ou como Mário de Andrade raciocina em 1924: “Muitas vezes um livro revela pra gente um lado nosso ainda desconhecido. Lado, tendência, processo de expressão, tudo. O livro não faz mais que apressar a apropriação do que é da gente.”³

Os diálogos e matrizes explícitos materializam-se, em um primeiro momento, nas anotações marginais que se abrem para a apropriação, na esfera da intertextualidade, da inter e da transdisciplinaridade, na gênese da poesia e da prosa de ficção; dos ensaios do crítico, e mesmo dos desenhos ou da fotografia mariodeandradianos. Apropriação que, em certas circunstâncias, eclode como um texto novo ou apenas semente ou escólio, no espaço das margens, entrelinhas ou páginas brancas, em livros e revistas, sob a forma de notas de trabalho, esboços e mesmo versões completas de textos (prototextos) – manuscrito sobreposto ou acrescentado ao texto impresso, hipertexto privado ou estoque, como quer Gumbrecht em “Preencha as margens!”⁴ A apropriação que, na marginália, ao transformar os livros e revistas em matrizes da criação, confere-lhes a dupla natureza de impresso e manuscrito autógrafo.

Na matriz implícita, o diálogo esconde-se em títulos e autores na biblioteca, sem oposição de notas autógrafas, captados a partir da análise de obras do escritor. É ali também averiguado seguindo notícias e alusões na correspondência ativa e passiva, em crônicas, memórias ou diários, documentos que enriquecem os arquivos da criação de obras desse autor; sempre lembrando, porém, que os chamados gêneros de fronteira carregam, na subjetividade que lhes é inerente, o prazer da invenção de si mesmo. Assim como as declarações em entrevistas.

As matrizes explícitas e implícitas que materializam a apropriação por parte do poeta e do prosador Mário de Andrade, suscitam estudos comparatistas e são objeto da crítica genética,

¹ Trabalho apresentado no painel “Marginalia Practices: Books begun in Books, em *Writers and their Libraries: an International Conference*, no Institute of English Studies, University of London (15-17 de março, 2013).

² Dados no *Guia do IEB: o acervo do Instituto de Estudos Brasileiros*, organizado por Ana Lanna (2010, p. 197-201).

³ Carta com data atestada: 1924. (Santiago; Frota, 2002, p. 113-119).

⁴ GUMBRECHT, H. U. *Preencha as margens! Escritos*, a. 1, n. 1. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2008, p. 3-16.

nos caminhos da escritura. Prendem-se à predisposição intelectual, a obsessões do artista, ou seja, a projetos que o ato de ler desencadeia, no horizonte do leitor; ou projetos mais ou menos estruturados por ele, que ganham acréscimos ou perseguem novas possibilidades; que cimentam as pontes da inter e da transdisciplinaridade. Ou, como aponta Gerard Genette (1982) em *Palimpsestes: no diálogo intertextual*, a intertextualidade e a transdisciplinaridade só se concretizam na captação por parte do leitor.

Quando se estuda a biblioteca de Mário de Andrade, entende-se que quem percorre a biblioteca de um escritor encontra, concreta ou virtualmente, em determinados autores ali presentes, textos desse mesmo escritor. Assim acontece quando a observação se realiza paralela à leitura da produção dele, éditos e inéditos que plasmam projetos literários com as respectivas vertentes estética, ideológica e linguística; que filtram diálogos ou influências, conforme se transita na esfera da crítica genética ou da literatura comparada. Nas prateleiras ficam-se obras *in statu nascendi*, isto é, fragmentos ou textos inteiros, materializados na marginalia, e indícios de obras editadas ou inéditas, começos ou parcelas que se ocultam em leituras sem anotações do lápis ou da caneta. No âmbito da crítica genética, considerar os livros e periódicos reunidos por esse escritor como espaço de escritura, *locus creationis* ou seara e celeiro da criação, implica, a meu ver, não apenas decodificar diálogos e matrizes geradoras ou definir a marginalia como manuscrito, mas rastrear fios em uma rede sem remate, cuja trama ora se desvela e ora se faz indelével.

Mário de Andrade não datava diretamente suas notas ou suas leituras; tanto quanto se pode afirmar, assim procede apenas uma vez, em maio de 1910, aos 16 anos quando inaugura sua marginalia.⁵ Cabe, portanto, aos pesquisadores decifrar, à Sherlock Holmes, pistas ou sinais de sua passagem pelos textos ou reconhecer reverberações. Celeiro, a biblioteca armazena, arquiva elementos passíveis de serem chamados a figurar ativamente no processo de criação de obras, em diferentes momentos. Funde-se ao leitor. A semente germina, acorda a memória da leitura, quebrada a latência de ideias e formas. Em inúmeros casos, vai para um alentado manuscrito que é o *Fichário analítico*, um celeiro, sobre o qual não me cabe falar agora.

Feitas essas considerações para situar, à luz da crítica genética, minha abordagem da criação literária de Mário de Andrade em sua biblioteca, ingresso no meu tema: o nascimento do livro *Macunaíma* nesse lugar. Devo dizer que o escritor começa a formar sua biblioteca na adolescência e que a sua marginalia, como já se sabe, nasce em 1910. Na casa dele, em São Paulo, os livros que amalha somam-se aos do pai, Carlos Augusto de Andrade, e aos do avô, Joaquim de Almeida Leite Moraes. Ambos não os dotaram de assinatura e de marginalia. O pai, tipógrafo, jornalista, leitor de Zola e romances de capa espada, um aficionado do teatro e contador. O avô, jornalista, professor na Faculdade de Direito e político no Império. Em 1883, logo depois de exercer a presidência da Província de Goiás, Leite Moraes publicara *Apontamentos de viagem de São Paulo à capital de Goiás, desta à do Pará, pelos rios Araguaia e Tocantins e do Pará à Corte: Considerações administrativas e políticas*,⁶ livrinho no qual se mostra um leitor de Couto de Magalhães e, sobretudo, um brasileiro interessado em divulgar informações sobre o país, suprimindo lacunas constatadas em “historiadores e geógrafos”.⁷ Falecido Leite Moraes em 1895, e vendida sua biblioteca, composta inclusive de edições ilustradas, de alto preço, a família herda principalmente o valor da leitura.⁸ E, no que concerne ao neto, também o gosto de conhecer o Brasil. De Joaquim de Almeida, pode-se arriscar, restaram-lhe números da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico* do século XIX, um exemplar do *Poranduba amazonense*, de 1890, dicionários e outros títulos antigos que ainda cabe investigar. Conhecer o Brasil tornou-se, pois, uma afortunada inclinação do neto que, no grupo modernista

5 A estreia ocorre em *Vie de Jeanne d'Arc* de Anatole France (Paris, Calmann-Lévy, s.d.), onde se lê, na página de guarda do v. 2, “MR[aul] Andrade/São Paulo 28-5-10”.

6 O livro de Joaquim de Almeida Leite Moraes (1834-1895), publicado às próprias expensas em 1883, recebeu edição de texto fiel, anotada por Antonio Candido, em 1995 e 2011 (São Paulo: Companhia das Letras e Penguin). A edição de Antonio Candido traz uma pequena biografia do autor, na “Introdução” e na “Cronologia”.

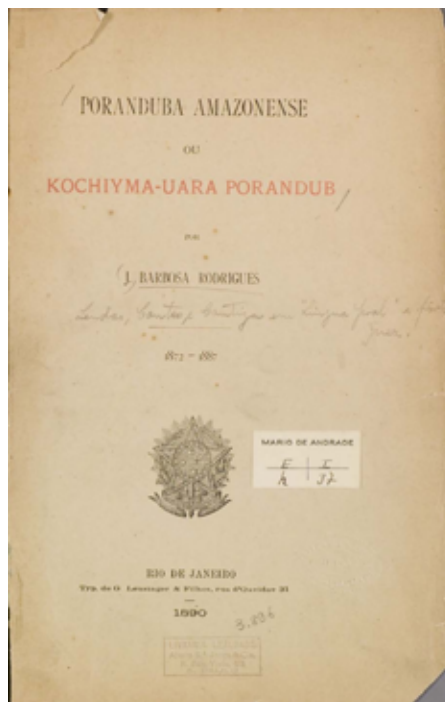
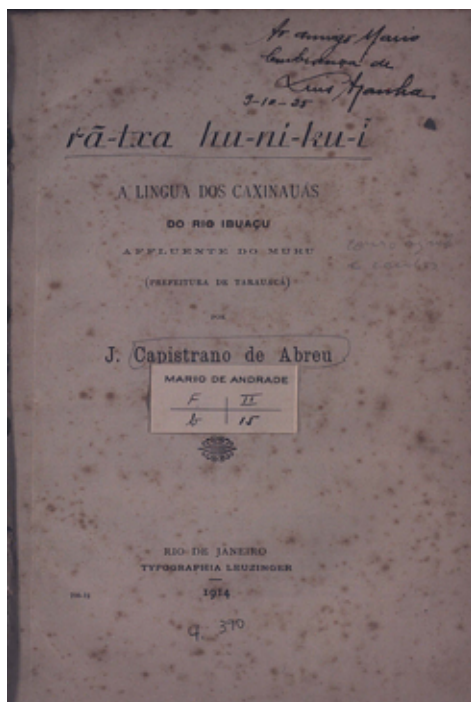
7 Eis a postura do Leite Moraes: “Descrevo os acontecimentos com inteira e rigorosa fidelidade, narro o que vi, o que senti, o que observei com plena isenção de espírito e a mais completa imparcialidade, descendo a todas as circunstâncias que rodearam diversos incidentes, como um solene e salutar aviso aos futuros exploradores daquelas regiões. E julgo assim prestar um bom serviço ao meu país, a este pobre país desconhecido completamente de seus próprios governos, de seus historiadores, de seus geógrafos.” (MORAIS, 1883, p. 7-8).

8 A carta que Pio Lourenço Correa dirige a MA em 11 de outubro 1923, recorda a venda dessa biblioteca, onde havia um exemplar de *Plantes usuelles des brésiliens*, de 1824, preciosa obra do botânico Saint-Hilaire.

paulistano, na primeira metade da década de 1920, vincula o decantar das vanguardas europeias à assimilação de elementos da arte do nosso povo, na acepção do primitivismo estético servindo a uma arte brasileira renovadora, disposta a acrescentar uma parcela nossa “ao contingente universal”, conforme a definia Mário de Andrade.

A preocupação em refletir o nacional e transfigurar o popular moldara o traje de arlequim de *Pauliceia desvairada* em 1922, no crivo crítico de elementos de várias estéticas, compondo várias camadas de significação. A atenção do estudioso sobre o folclore, a literatura oral, como valor a ser absorvido por uma literatura erudita de perspectiva brasileira, fora acordada pelas conferências de Afonso Arinos na Sociedade de Cultura Artística na capital paulista, em 1915, como descobriu Ricardo Souza de Carvalho.⁹ Mário de Andrade, sócio fundador da Cultura Artística em 1912, manteve, em sua biblioteca, o opúsculo com essas conferências; professor no Conservatório, desde aquela época colhia, ao lado de seus alunos, documentos da lavra popular, como quadrinhas, pregões e parlendas. Poeta e leitor havia se achegado ao romantismo alemão e, em 1922, *Pauliceia desvairada* espelhara a lição da *Gedichte* (Verlag des Volksbildungsvereins de Wiesbaden, 1909) e do *Heine's Buch der Lieder*. Trouxera, amalgamados à sua criação erudita, o pregão da batata doce assada, um fragmento da paródia do Hino Nacional e outro de marchinha carnavalesca que consolidam, na apropriação, uma poesia franqueada à contribuição popular, no escopo de demolir fronteiras. A partir de 1924, ao projetar uma literatura moderna, no nacionalismo crítico, percebe a necessidade de um mergulho em profundidade no Brasil recriado pela literatura popular, e se aproxima do índio, nos estudos etnológicos.

⁹ CARVALHO, R. S. Edição genética de *O sequestro da dona ausente* de Mario de Andrade. Dissertação de mestrado na área de Literatura Brasileira na FFLCH-USP, 2003. Orientadora: Telê Ancona Lopez.



Imagens 1 e 2: Capistrano de Abreu e Couto de Magalhães na biblioteca de Mário de Andrade.

Na biblioteca de Mário de Andrade, um volume com dedicatória chancela, em 1925, esse novo campo de interesse. É *Ra-txa hu-ni-ku-i: a língua dos caxinauas do rio Ibuacu, affluentes do Muru*, de João Capistrano de Abreu (1853-1927), 1ª edição de 1914, na Typographia Leuzinger do Rio de Janeiro. As palavras “Ao amigo Mario/ lembrança de Luis Aranha/ 9-10-1925” ecoam uma discussão no grupo que une esse jovem poeta ao aniversariante por ele apresentado, a Oswald de Andrade, Alcântara Machado e... ao historiador Paulo Prado, nascido em

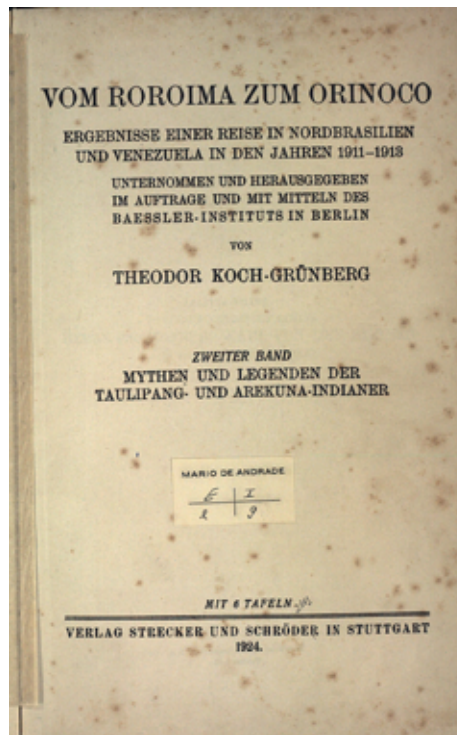
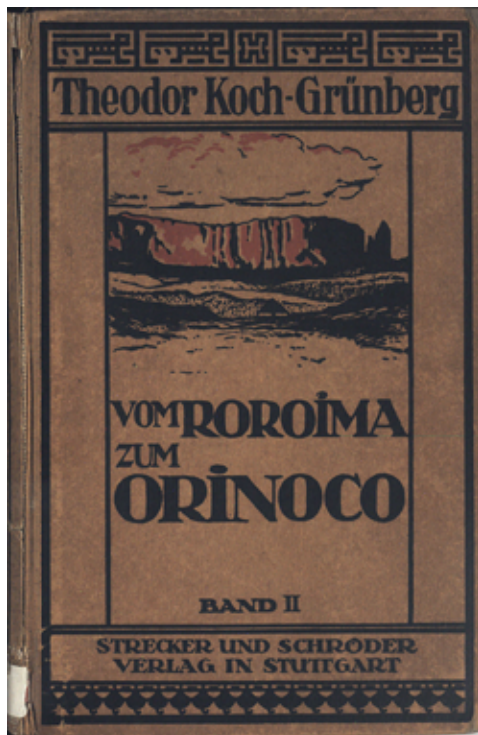
1869. Este, discípulo de Capistrano de Abreu, entre 1924-1928 assiste os moços modernistas como uma espécie de mentor na área da História do Brasil, na etnologia e nas incursões pela obra de seu mestre, sobretudo.¹⁰ *Ra-txa hu-ni-ku-i*, exemplar sem anotações indicativas de apropriação, fornece, de pronto, a Mário de Andrade, a lenda caxinauí do menino raptado pela andorinha, matriz da “Lenda do céu”, poema por ele escrito ainda em 1925, incluído em *Clã do jabuti*, importante meditação sobre o Brasil; na verdade o *Mário de Andrade’s Buch der Lieder*, em 1927. Capistrano supre seu leitor de personagens e contos de teor etiológico que ficam repouso, assim como as “lendas, contos e cantigas” de *Poranduba amazonense ou Kochiyama-uara porandub*, de Barbosa Rodrigues (1890), leitura fundamental para a criação do *Macunaíma*, também certamente aconselhada por Paulo Prado. E este – vale a pena especular –, ao percorrer, em 1925-1926, páginas de Capistrano de Abreu – ou, quem sabe em conversa com o próprio professor, teria chegado a Theodor Koch-Grünberg, participante da *Volkskunde*, e autor de um estudo crítico sobre *Ra-txa hu-ni-ku-i*, destinado à segunda edição que só vem à luz em 1941.¹¹ Consequentemente, a leitura da obra magna do etnólogo alemão, *Vom Roroima zum Orinoco*, teria sido recomendação dele ao amigo Mário, cujo agradecimento está implícito na dedicatória quando *Macunaíma* sai do prelo, em julho de 1928 – “A Paulo Prado”. Não é ociosa a hipótese, pela qual Koch-Grünberg tenha sido um nome proferido na roda dos modernistas da Pauliceia, no período 1924-1928. O etnólogo, que morre no Brasil em outubro de 1924, vinha publicando, desde 1917, os cinco volumes de *Vom Roroima zum Orinoco: Ergebnisse einer Reise in Nordbrasilien und Venezuela in den Jahren 1911-1913 (De Roroima ao Orenoco Resultados de uma viagem pelo Norte do Brasil e pela Venezuela nos anos de 1911 a 1913)*. Na biblioteca de Mário acham-se o volume 1, do prelo de Dietrich Reimer, em Berlim, 1917; os volumes 3 e 5, de 1923, tirados em Stuttgart, por Strecker und Schröder que também produziu o segundo, em 1924. Este volume, *Mythen und Legenden der Taulipang und Arekuna Indianer (Mitos e lendas dos índios Taulipang e Arekuna)*, lendário coligido e transliterado por Koch-Grünberg, é matriz fecunda. Em 1926, dá-se provavelmente o encontro que causa o impacto narrado por Mário de Andrade a Alceu Amoroso Lima, dois anos depois:

Resolvi escrever porque fiquei desesperado de comoção lírica quando lendo o Koch-Grünberg percebi que *Macunaíma* era um herói sem nenhum caráter nem moral nem psicológico, achei isso enormemente comovente nem sei porque, de certo pelo ineditismo do fato, ou por concordar um bocado com a época nossa, não sei....¹²

¹⁰ O estudioso de Paulo Prado, Carlos Augusto Calil, é quem afirma a presença especial do historiador entre os modernistas de São Paulo que, em um determinado momento, receberam a visita do poeta Blaise Cendrars. Entre 1924-1928, ali estava, “[...] doutrinando-os em torno da História do Brasil e do mestre Capistrano. Todos de uma forma ou de outra lhe pagaram tributo. Mário com *Macunaíma*, Oswald com *Pau-Brasil*, Alcântara com o livro sobre Anchieta, Cendrars com *Le Brésil*.” (e-mail dirigido a Telê Ancona Lopez, em 2012).

¹¹ Informação colhida na tese de doutoramento de Beatriz Protti Christino, *A rede de Capistrano de Abreu (1853-1927): uma análise historiográfica de Ra-txa hu-ni-ku-i em face da sul-americanística dos anos 1890-1929*, FFLCH-USP, 2007; orientadora: Maria Cristina Altman. Doutorado, USP.

¹² Carta de 19 de maio, 1928. (Cf. MORAES, 2002).



Imagens 3 e 4: O lendário indígena recolhido por Koch-Grünberg, matriz da criação do *Macunaíma* de Mário de Andrade.

A leitura no ano de 1926 depreende-se da carta em que Manuel Bandeira, comenta, em 3 de janeiro de 1927, o poema do confrade, “Lenda das mulheres de peito chato”, apropriação da oitava narrativa na coletânea, “*Makunaíma und der Jüngling des Sumaúma-Baumes*” (“Macunaíma e o rapaz da árvore sumaúma”).¹³ A redação do poema coexiste com a escritura de *Macunaíma*, já iniciada nesse 1926, como se lê na data da “Carta pras icamiabas”, capítulo 9 do livro publicado em 1928: “Trinta de Maio de Mil Novecentos e Vinte e Seis.”

Macunaíma e Makunaíma

Deter-me-ei na primeira versão conhecida composta de fragmentos da rapsódia *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, nas margens do v. 2, *Mythen und Legenden der Taulipang und Arekuna Indianer*. Minha análise, valendo-se da crítica genética, busca novas dimensões no espaço da criação como “escrita viva”, segundo Louis Hay, nos projetos que se transformam, assim como o escritor e o homem em sua arte e em sua existência. Em termos de escrita viva, ao artista culto brasileiro Mário de Andrade, empenhado em concretizar um projeto literário moderno, nada melhor, na escolha do gênero para seu texto ficcional, que a rapsódia regida pela apropriação. Este recurso escuda-lhe na costura da trama a partir da pluralidade de narrativas orais; e da costura de soluções estilísticas, entre as quais estão aquelas do o artefazer do índio, nos textos transliterados por Koch-Grünberg. *Macunaíma*, rapsódia, prosa experimental, canto, apreende o mito e concebe o herói contraditório da nossa contraditória gente, em um Brasil sem fronteiras no espaço “desgeograficado”, jogando com o tempo presente, adstrito à literatura de circunstância; e com o tempo imemorial, carnavalesco e fantasia.¹⁴ No “Iº Prefácio”, em 19 de dezembro de 1926, o escritor esclarece: “O que me interessou por *Macunaíma* foi incontestavelmente a preocupação em que vivo de trabalhar e descobrir o mais que possa a entidade nacional dos brasileiros”. Esse desígnio preside-lhe a pesquisa desencadeada

¹³ Bandeira comenta a “Lenda das mulheres de peito chato” que, naquele momento, pertencia à obra *Clã do jabuti*, publicada em 1927; o poema foi incluído em *Remate de males*, livro de 1930, mencionada a composição em 1926. (Cf. MO-RAES, 2002, p. 331).

¹⁴ A literatura de circunstância pensada e praticada por MA prendia-se ao aqui e agora, à captação de situações particulares do momento histórico.

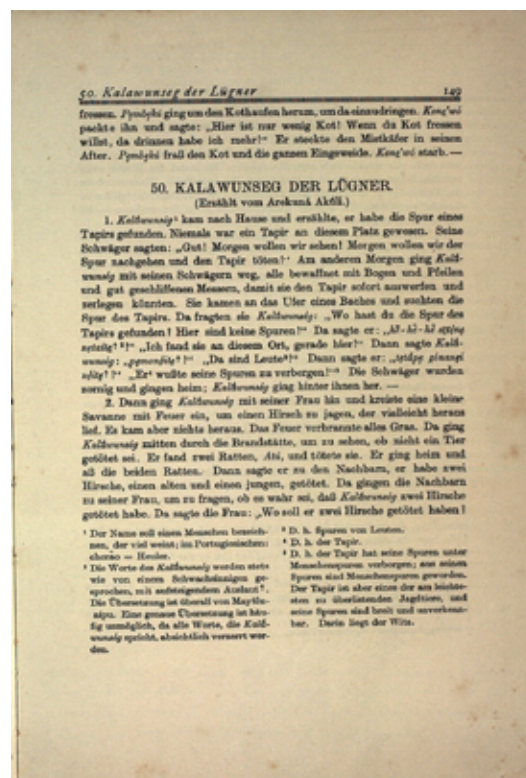
pela matéria reunida pelo etnólogo, pesquisa em que submerge na etnografia, na história, nos viajantes, nas cartas e crônicas do Brasil colônia; no cancionero, no romanceiro, nos mitos, lendas e contos dos nossos índios, obtidos em estudos e recolhas de outros autores. Pesquisa que não despreza a matéria, as fontes eruditas.

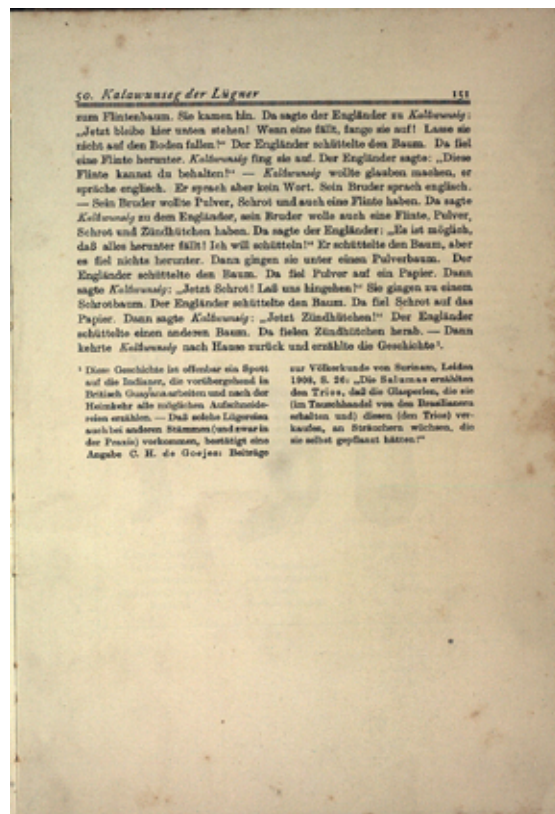
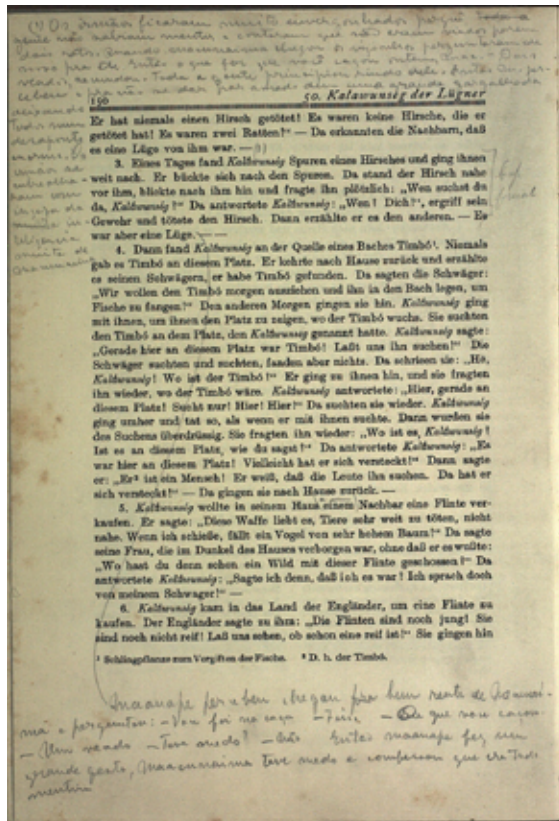
No primeiro momento conhecido da escritura do *Macunaíma*, o lápis é o instrumento que materializa, nas margens dos mitos, lendas e contos indígenas, o encontro do escritor Mário de Andrade com possibilidades suas de ficcionista que se inclinam sobre os personagens ali presentes – Makunaíma, deus indígena pleno de contradições, Akalapizéima, cuja sensualidade o impede de permanecer imortal, o cunhado preguiçoso de Etetó, o trampoleineiro Konewo que se comporta como um Malazarte indígena e Kalawunseg, o mentiroso.¹⁵ Como bem nos ensina Cavalcanti Proença no *Roteiro de Macunaíma*, a fusão dos quatro anti-heróis propiciou o “herói da ossa gente”. Ou, como quer o aposto no título: *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*.

O manuscrito autógrafo, sobreposto ao texto impresso de *Mythen und Legenden der Taulipang und Arekuna Indianer*, um hipertexto e talvez o mais relevante documento na marginália de Mário de Andrade, afigura-se um esboço de aspectos da ação romanesca da rapsódia, em fragmentos de sequências dos capítulos pensados que perfazem uma primeira versão conhecida da rapsódia, vinda de diversas visitas ao exemplar. Versão que será, por certo, confrontada com outros esboços; que desaguará em outras versões, todas elas municiadas por notas de pesquisa em muitos fólios, transpondo concepções originais e apropriação de matéria presente em outros livros que, na biblioteca, delineiam matrizes implícitas e explícitas. O esboço não apresenta o título nem o subtítulo do futuro livro.

Para contar, brevemente e em recorte singular, como o *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* é esboçado nas margens do exemplar de *Mythen und Legenden der Taulipang und Arekuna Indianer*, livro de Koch-Grünberg, tomarei o texto n° 50, “Kalawunseg der Lügner” (p. 149-151), documento que goza da dupla natureza de texto impresso divulgado e manuscrito autógrafo.

¹⁵ Em *Mythen und Legenden der Taulipang und Arekuna Indianer*, v. 2 de *Vom Roroima zum Orinoco*, esses personagens estão nos mitos e contos 13. “Akalapizéima und die Sonne”, 28. “Etetó”, 49. “Konewo” e 50. “Kalawunseg der Lügner”, às p. 51-53, 92-98, 140-149-151; podem ser conhecidos na tradução desse volume, *Mitos e lendas dos índios Taulipang e Arekuna*, por Henrique Roenick, na *Revista do Museu Paulista*, n. 7 (São Paulo, 1953, p. 9-200). A revisão desse trabalho foi de M. Cavalcanti Proença que já se dedicava à pesquisa para o *Roteiro de Macunaíma*. O estudioso, sem conhecer a biblioteca de Mário de Andrade, publicou, em 1955, o *Roteiro de Macunaíma*, um extraordinário levantamento e análise das contribuições recebidas, pela rapsódia, de fontes populares e eruditas (São Paulo: Anhembi). A recriação das lendas foi por mim estudada em “Makunaíma/Macunaíma”, na edição crítica da obra que coordenei na Coleção Arquivos da UNESCO (1988, 1996).





Imagens 5, 6 e 7: Fragmento da primeira versão conhecida de *Macunaíma*, o herói sem nenhum caráter, nas margens de “Kalawunseg der Lügner”, no v. 2 de *Vom Roroima zum Orinoco, Mythen und Legenden der Taulipang und Arekuná Indianer*.

Os pequenos contos ali narrados pelo índio arekuna Akúli e transliterados por Koch-Grünberg, oferecendo ou não notas autógrafas do escritor-leitor, servem-me para constatar, no modo de formar da rapsódia, a apropriação que transmuta o personagem Kalawunseg em Macunaíma e seis peripécias do herói indígena mentiroso em diferentes sequências e capítulos do livro modernista. Resumo esses contos e destaco as notas de leitura (Notas MA); acuso também a inexistência de anotações. Prendo-me, em seguida, à apropriação pela rapsódia que, ao cuidar da economia do texto, em uma chamada como “[Cap. final]”, indica a continuação da escritura em outro suporte – uma caderneta, como tantas que receberam a prosa de ficção e a poesia mariodeandradianas.

No primeiro conto – sem notas autógrafas –, Kalawunseg, ao chegar em casa, afirma ter flagrado um rastro fresco de anta. Propõe a caçada aos cunhados. Nunca uma anta andara por ali. Os cunhados concordam e no dia seguinte saem devidamente armados, mas não encontram sequer as pegadas do animal. Contrariados, interpelam Kalawunseg, cujo nome significa chorão, e este, que também campeia, falando como um débil mental, na língua indígena – “Tetápe dzónanei pemonéite hêhê zeténe netaíte” –, conclui: “Ela sabe esconder suas pegadas!”

Esse conto tem a ação assimilada na sequência da caçada de anta na Bolsa de Mercadorias, em pleno centro da metrópole paulistana, no capítulo 9 de *Macunaíma*, “A velha Ceiuci”, na edição de 1928 e 11, nas demais edições em vida do autor. O herói, hábil mentiroso/ficcionalista satisfaz a necessidade de lazer do primitivo, negada pelo homem de negócios, pelo trabalho dissociado da capacidade de brincar, da fantasia. A caçada atinge, de fato, o centro do dinheiro, visceral na sociedade capitalista. Indivíduos de todas as classes procuram ávidos o rastro de tapir, embalados pela frase de Kalawunseg, repetida por Macunaíma, agora com sentido de fórmula mágica – “Tetápe dzónanei pemonéite hêhê zeténe netaíte.” Todos ficam muito zangados ao entender o engodo.

Na segunda narrativa, Kalawunseg vai à caça, com a mulher. Põe fogo num trecho da mata para cercar algum veado; nada aparece além de duas ratazanas, que ele mata e come, mas que conta terem sido dois veados, um velho e um novo. Os vizinhos, duvidando, perguntam à mulher; ela não esconde a verdade. E todos constatam a mentira.

Esse texto possui expressivas anotações. No final, a chamada “(1)” remete ao planejamento no topo da página, onde o lápis atende a invenção, cujo movimento se mostra nas rasuras – uma substituição e um deslocamento, este vigiando a sonoridade da frase:

Os irmãos ficaram muito envergonhados porquê ~~toda a gente~~ não sabiam mentir e contaram que não eram viados porem dois ratos. Quando macunaíma chegou os vizinhos perguntaram de novo pra ele. [-] Então o que foi que você caçou, Mac.? – Dois veados, secundou. Toda a gente principiou rindo dele. Então M. per-/ cebeu e pra não se dar por achado deu uma grande gargalhada/ deixando/ todos num/ desaponto/enorme. Os/ irmãos se entre-/ olharam com/ inveja da/-muita in-/ teligencia muita de/ Macunaíma [.]

Ao mesmo capítulo 11 converge esta sequência planeada: instigados por Macunaíma, os irmãos vão com ele caçar veado no Bosque da Saúde, em São Paulo. Queimam um trecho e capturam apenas dois ratos chamuscados, os quais, no relato do herói aos companheiros na pensão, viram dois veados mateiros. Desmascarado pelos irmãos admite com candura: “Eu menti.”, cercado pela inveja geral.

O texto do terceiro conto diz que, um dia, Kalawunseg topa e acompanha, durante muito tempo, um rastro de veado. Abaixa-se para olhar as pegadas. De repente, percebe que o veado

está diante dele. Quando o animal o interpela – “Quem estás procurando, Kalawunseg?”, responde-lhe: “Quem? Você!”. Pega na espingarda, matando o veado. Depois conta aos outros. Mas, era uma mentira.

A Nota MA constitui-se de um colchete que abraça o conto, para, na margem, destiná-lo a um “[*Cap. final*]”, e do fio que lança o planejamento de sequência, na margem inferior:

“Maanape percebeu e chegou bem rente de Macuná-/ ma e perguntou – Voce foi na caça [?] – Fui. – O que você caçou [?] / – Um veado – Teve medo? – Não Então Maanape fez um / grande gesto, Macunaíma teve medo e confessou que era tudo/ mentira[.]”

É provável que o conto, nesse momento do esboço de 1926, estivesse reservado para aquele que deveria ser, então, o último capítulo de *Macunaíma*. Na realidade, a apropriação do conto fica no penúltimo capítulo, o 17, “Uraricoera”, na edição de 1928 e o 16, nas outras edições em vida do autor; dá azo ao duplo sentido, ao cômico e à coprolalia tão ao gosto da nossa gente:

“– Então o que você fez hoje?

“– Cacei viado.

“– Que-dele ele!

“– Comi, uai! Fui andando por um caminho, vai, topei rasto dum... catingueiro não era não mas era mateiro. Me agachei e fui no rasto. Olhando olhando, sabe, dei uma cabeçada numa coisa mole, que engraçado! sabem o que era! pois era a bunda do viado, gente! (Macunaíma deu uma grande gargalhada.) Viado perguntou pra mim: – Que está fazendo aí, parente! – Te campeando! secunde. E vai, matei o catingueiro que comi com tripa e tudo. Vinha trazendo um naco pra vocês, vai, escorreguei atravessando o ipu, dei um tombo, naco foi parar longe e tanajura sujou nele.

“A peta era tamanha que Maanape desconfiou. Maanape era feiticeiro. Chegou bem rente do mano e perguntou:

“– Você foi na caça?

“– Quer dizer... fui sim.

“– O que você caçou?

“– Viado.

“– Qual!

“Maanape fez um grande gesto. O herói piscou de medo e confessou que tudo era lorota.”

No quarto conto, Kalawunseg acha timbó na nascente de um riacho, onde a planta não costumava nascer. Avisa os cunhados, pensando em uma boa pescaria, mas apenas mostra o local; os outros “procuraram e procuraram” em vão. O mentiroso justifica-se: “Era aqui neste lugar! Talvez tenha se escondido.”. E continua: “Ele é gente! Ele sabe que nós o procurávamos. Por isso se escondeu!”.

Texto sem Notas MA, é transmutado na sequência final do capítulo 2, “Maioridade”, quando Macunaíma, menino ainda, engana toda a tribo. A apropriação toma especialmente o diálogo, passando-o para o português enquanto a língua falada no Brasil:

“Quando foi de-tardezinha os manos vieram buscar Macunaíma tiriricas por não terem topado com nenhum pé de timbó. O herói teve medo e disfarçou:

“– Acharam?”

“– Que achamos nada!”

“– Pois foi aqui mesmo que enxerguei timbó. Timbó já foi gente um dia que nem nós... Presenciou que andavam campeando ele e soverteu. Timbó foi gente um dia que nem nós...”

O quinto conto, cuja Nota MA é somente a tradução de “einem” como “a um”, põe Kalawunseg na terra dos ingleses, para comprar armas. Um inglês o informa: “As espingardas ainda estão muito novas! Não estão maduras ainda! Vamos ver se tem alguma madura!”. Dirigem-se à árvore das espingardas e o vendedor diz: “Agora fique parado aqui em baixo. Quando cair uma, pegue. Não deixe cair no chão!”. Sacode a árvore, a arma se desprende e Kalawunseg a recolhe. O inglês então fala: “Você pode ficar com essa!”. Kalawunseg queria fingir que falava inglês, mas não falava nada; era o irmão dele sabia o idioma. Ele então pede, para o irmão, uma espingarda, pólvora, chumbo e espoletas. O inglês sacode a mesma árvore e a arma não cai; vão para as árvores da pólvora, do chumbo e das espoletas, podendo, então satisfazer o desejo. Kalawunseg volta para casa e conta a história.

A árvore cujos frutos são espingardas e munição, no capítulo 5 de *Macunaíma*, “Piaimã”, concede apenas “uma garrucha temporã”, munição sem serventia e caixas de uísque. A mentira de Kalawunseg reduz-se ao herói declarar aos irmãos ter falado inglês. Mas, estende-se aos homens do mundo tecnizado. O confronto da ingenuidade do primitivo com a determinação dos “donos” da “terra dos ingleses” – a Guiana Inglesa – e de outros “donos” de outras terras na Amazônia continua, com impressionante atualidade, neste século XXI.

Referências bibliográficas

- CARVALHO, Ricardo Souza de. Edição genética de *O sequestro da dona ausente* de Mario de Andrade. Dissertação de mestrado na área de Literatura Brasileira na FFLCH-USP, 2003. Orientadora: Telê Ancona Lopez.
- CHRISTINO, Beatriz Protti. *A rede de Capistrano de Abreu (1853-1927): uma análise historiográfica de Rã-txa hu-ni-ku-ĩ em face da sul-americanística dos anos 1890-1929*. FFLCH-USP, 2007. Doutorado, USP. Orientadora: Maria Cristina Altman.
- GENETTE, Gérard. *Palimpsestes: la littérature au second degré*. Paris: Éditions du Seuil, 1982.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. Preencha as margens! *Escritos*, a. 1, n. 1. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2008. p. 3-16.
- LANNA, Ana (Org.). *Guia do IEB: o acervo do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo: IEB, 2010, p. 197-201.
- LOPES, Telê Ancona. *Makunaíma/ Macunaíma*. São Paulo: UNESCO, 1988, 1996. (Coleção Archivos da UNESCO).
- MORAES, Joaquim de Almeida Leite (1834-1895). Anotada por Antonio Candido. São Paulo: Companhia das Letras; Penguin, em 1995 e 2011.
- MORAES, Marcos Antonio. (Org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo, IEB/ Edusp, 2002.
- MORAIS, Joaquim de Almeida Leite Moraes, *Apontamentos de viagem*. São Paulo; edição do autor, 1883, p. 7-8.

PROENÇA, M. Cavalcanti. *Roteiro de Macunaíma*. São Paulo: Anhembi, 1955.

ROENICK, Henrique (Trad.). Mitos e lendas dos índios Taulipang e Arekuna. *Revista do Museu Paulista*, n. 7, São Paulo, 1953, p. 9-200.

SANTIAGO, Silvano; FROTA, Lélia Coelho (Org.). *Carlos & Mário: correspondência Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade*. Introdução e notas de Silvano Santiago. Organização e pesquisa iconográfica de Lélia Coelho Frota. Rio de Janeiro: Bem-te-vi, 2002, p. 113-119.